



## OS PRONOMES PESSOAIS E OS DE TRATAMENTO NA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO À LUZ DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

THE PERSONAL AND TREATMENT PRONOUNS IN BRAZILIAN PORTUGUESE GRAMMAR: A STUDY IN THE LIGHT OF LINGUISTIC VARIATION AND CHANGE

Caroline Bezerra Lima (PPGL/UESPI)<sup>1</sup>  
[carolineblima8@gmail.com](mailto:carolineblima8@gmail.com)

Lucirene da Silva Carvalho (UESPI)<sup>2</sup>  
[lucirenecarvalho72@gmail.com](mailto:lucirenecarvalho72@gmail.com)

**RESUMO:** Diante dos estudos da Sociolinguística, novas perspectivas a respeito da língua vêm sendo inseridas na discussão sobre o ensino e aprendizagem. O presente trabalho analisa o tratamento dados aos pronomes pessoais e de tratamento em gramáticas de Língua Portuguesa (LD), tomando como vieses teóricos a variação e a mudança linguística. Para realização desse estudo, adotamos uma pesquisa indireta, de cunho bibliográfico, na qual foram usadas como *corpus* as Gramáticas: *Aprender e praticar* (2011); *Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação* (2013) e *Gramática: texto, reflexão e uso* (2016). Assumimos como aporte teórico Cezario e Voltre (2015), Bagno (2013), Alkimim (2006), Castilho (2012), Bechara (2009), Travaglia (2009), dentre outros. Os resultados obtidos foram que há uma incorporação do estudo dos pronomes pessoais e de tratamento, de forma reflexiva, sobretudo, em relação às variações linguísticas, por meio da reorganização dos quadros de consulta, bem como aspectos relevantes baseados nos resultados de pesquisas centralizadas nas descrições da língua.

**PALAVRAS-CHAVE:** Linguística. Variação e mudança linguística. Gramática. Pronomes.

**ABSTRACT:** According to the sociolinguistic new perspectives about the language has been developing discussions on its teaching and learning process. This work analyses the treatment of the personal pronouns in portuguese grammar language taking as its basis the variation and linguistics changes. This study was done following a bibliographic and indirect research in which were used the grammars "Aprender e Praticar (2011)", "Gramática Reflexiva (2013)" e "Gramática: Texto, reflexão e uso (2016)". It was adopted as a theoretical contribution Cezario e Voltre (2015), Bagno (2013), Alkimim (2006), Castilho (2012), Bechara (2009), Travaglia (2009), among others. The results obtained were there are an incorporation the studies of the personal pronouns and treatment in a reflexive way, specially in relation to the linguistic variations, through the organization of lookup tables as relevant aspects based on the results and centralized researches about the description of the language

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Especialização em Língua, Literatura e Ensino do Instituto de Ensino Superior Múltiplo. Graduada em Licenciatura Plena em Letras Português da Universidade Estadual do Piauí-UESPI.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Professora da graduação, do mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e do mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Atua nas subáreas fonética e fonologia, sociolinguística e ensino de língua materna. Atualmente é coordenadora do Curso de Letras/Português, Campus Poeta Torquato Neto, Teresina (PI).



**KEYWORDS:** Linguistic Variation and linguistic changes. Grammar, Pronouns.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva analisar o tratamento da variação dos pronomes pessoais e pronomes de tratamento nos livros didáticos de Língua Portuguesa. Diante dos relevantes estudos sobre variação e mudança linguística, percebemos que as Gramáticas adotadas como livros didáticos, gradualmente, estão promovendo uma nova perspectiva de ensino do português, a partir da inclusão da relação entre a norma culta e a língua em uso.

Justificamos a escolha desse tema, pois espera-se investigar como se dá esse vínculo dentro das gramáticas, bem como a inserção das variações linguísticas, em específico, dentro do sistema pronominal. Haja vista que esta é uma classe gramatical em que se evidencia várias mudanças linguísticas advindas das atividades comunicativas do dia a dia dos falantes brasileiros, no caso deste trabalho, selecionamos, dentre as classificações, os pronomes pessoais e os de tratamento, como foco.

Desse modo, buscamos como aporte teórico discussões bibliográficas sobre a Sociolinguística e as teorias sobre Variação Linguística, delineada por Cezario e Voltre (2015), Bagno (2013), Alkimim (2006); no que tange à variação dos pronomes, Castilho (2012) e Bechara (2009) e referente à teorização sobre o ensino e a gramática, Travaglia (2009).

O artigo está dividido em cinco seções. Na primeira seção, A sociolinguística e suas concepções, apresentamos uma breve fundamentação teórica acerca da área, a partir do sub-tópico, A Teoria da Variação Linguística. Na segunda seção, A Gramática no contexto escolar mostra-se uma breve contextualização sobre os tipos de gramáticas e a sua relação com o ensino de língua portuguesa na atualidade. Na terceira seção, O estudo dos pronomes pessoais 'a gente' e 'nós' nas Gramáticas fazendo uma análise a partir de um corpus no tocante à perspectiva da variação linguística e o ensino dos pronomes pessoais já citados; por fim, finalizamos com as considerações finais.



## 2 A SOCIOLINGUÍSTICA E SUAS CONCEPÇÕES

Saussure é considerado o fundador da Linguística moderna. Esta é uma ciência que busca compreender o funcionamento da língua como um sistema homogêneo à luz da corrente denominada estruturalismo. Semelhante às ideias formais defendidas por Saussure, Noam Chomsky cria uma corrente linguística, na qual a língua é atrelada aos conhecimentos mentais dos falantes - o gerativismo. (VIOTTI, 2008).

Ambas as correntes citadas desconsideravam os fatores extralinguísticos. Diante disso, a relação entre a língua e sociedade, constituída de fenômenos sociais, fatores históricos e ideológicos, não era admitida como aspectos relevantes para análise do funcionamento da língua. No entanto, as concepções do linguísta francês Antoine Meillet, discípulo de Saussure, logo ganharam destaque, tendo em vista que assume o fator social e histórico como um aspecto motivador para o surgimento das variações na língua. Mais tarde, seguindo os posicionamentos teóricos de Meillet, William Labov deu início nos Estados Unidos aos estudos da área da Sociolinguística. Nesse aspecto, para Cezario e Votre (2015, p. 141)

a sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.

A Sociolinguística rompe com as ideias estruturalistas e gerativista, e propõe observar a língua sob a perspectiva da heterogeneidade. Na concepção de Alkimin (2006, p.31) "o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso." Dessa forma, seu ponto de partida de estudo está ligado à diversidade da língua, como a variação e a mudança linguística.

### 2.1 A Teoria da Variação Linguística e Mudança Linguística

A proposta laboviana ganhou projeção com âmbito de estudo para análise e descrição da língua, nessa ótica, a variabilidade e a mudança linguística ganharam espaço



nas pesquisas. A perspectiva da evolução da língua defendida por Labov considera a comunidade de fala como o espaço que se dá a interação entre língua e sociedade. A Teoria da Variação e Mudança fornece os princípios de análise e sistematização das diversidades linguísticas. Com os estudos desenvolvidos a respeito da história das línguas, vários processos de variação e mudança linguística têm sido evidenciados, levando em conta o contexto social. Nesse sentido, Faraco explica que:

a percepção de mudanças não se dá apenas pelo contraste entre manifestações linguísticas afastadas entre si no tempo (o que chamamos de mudanças em tempo real). É também possível detectar fenômenos de mudança concentrando nossa atenção no tempo presente (o que chamamos de mudança em tempo real). (FARACO, 2005, p. 21)

Como se vê, a dinamicidade das línguas é reconhecida, visto mudarem com o passar do tempo. Desde aspectos ligados à pronúncia até a estrutura língua, podem apresentar múltiplas alterações, por vezes correlacionadas. Dentre os níveis que pode haver determinadas mudanças linguísticas, podem ser mencionados os "fonético-fonológico, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais, pragmáticas." (FARACO, 2005, p. 35)

Assim, os estudos linguísticos, já atestaram particularidades específicas em cada nível em que as mudanças podem ocorrer. Mudanças fonética-fonológica apresentam variações na pronúncia (fonética) e nas unidades sonoras distintivas (fonemas), já nas morfológicas, ocorre alteração nos morfemas (estrutura interna das palavras). No tocante a isso, Faraco cita como exemplo:

#### *Mudanças fonéticas-fonológicas*

A substituição de /l/ por /w/ no fim de sílaba no português brasileiro alterou a pronúncia de palavras como *alto*, *golpe*, *soldado*, mas não alterou o número de fonemas do português (o /l/ continua existindo como unidade sonora distintiva). [...]

#### *Mudanças morfológicas*

É o caso do sufixo latino *-ulu-*, indicador de grau de diminutivo. Hoje, em português, entre outras a palavra *artelho*, que não vem do latim *artus*, mas do diminutivo *articulus*; [...] (FARACO, 2005, p. 36-38)

No caso das mudanças sintáticas, ocorrem na ordem da estrutura das sentenças. As mudanças semânticas alteram o significado das palavras. Mudanças pragmáticas acontecem no uso dos elementos linguísticos. Por fim, as mudanças lexicais são as que



consistem em designar de maneira diferente um vocábulo. A respeito desses diferentes níveis, Faraco pontua as seguintes exemplificações:

### *Mudanças sintáticas*

Um exemplo clássico da história do português é a criação de um novo pronome pessoal (você) a partir de uma expressão lexical plena (*Vossa Mercê*). [...]

### *Mudanças semânticas*

O caso da redução do significado da palavra *arreio* que, no português medieval, designa qualquer enfeite, adorno [...]

### *Mudanças pragmáticas*

O termo *você* no tratamento do interlocutor, observando quem é tratado por esse pronome nos diversos momentos da história do português do fim período medieval.

### *Mudanças lexicais*

Incorporação de outras palavras de outras línguas. (FARACO, 2005, p. 38-43)

Essas mudanças são caracterizadas por serem contínuas, lentas e graduais. (FARACO, 2005). As línguas estão em constante mudança, o que na maioria das vezes passa despercebida pelos falantes, resultantes do processo histórico. Ao mesmo tempo, elas aparecem na forma lenta e gradual, que "costuma-se justificar [...] com fundamento na necessidade dos falantes de terem a intercomunicação permanentemente garantida." (FARACO, 2005, p. 48)

Vale ressaltar que as mudanças linguísticas que não são observadas de forma aleatória, assim, outra característica marcante é a regularidade, isto é, "um elemento - quando em processo de mudança - é progressiva e normalmente, alcançado em todas as suas ocorrências". (FARACO, 2005, p. 50). A partir dessas mudanças, surgem as variações linguísticas decorrentes da influência de aspectos extralinguísticos, como históricos, sociais, culturais, econômicos ligados ao grupo de fala. A respeito dessas variações e mudanças, Cezario e Votre (2015, p. 141) esclarecem que:

são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística. O sociolinguista se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável.

As variações linguísticas dão origem a formas linguísticas intituladas de "variantes". Elas podem estar ligadas a diversos níveis: lexical, fonético-fonológico, morfológico, sintático e discursivo, que será discutido na sequência sobre cada um desses



níveis. No tocante ao nível da variação lexical, pode-se afirmar que o vocabulário utilizado em uma determinada região, bem como uma certa situação de uso (formal ou informal), relaciona-se com os aspectos externos à língua: aspectos culturais, geográficos e históricos. Diferentemente da variação fonológica, que está ligada a fatores internos, e consiste nas variações de fonemas, seja troca, supressão, acréscimo etc. (ALKIMIN, 2006). Nesse sentido, Alkimin exemplifica que:

brasileiros e portugueses se distinguem em vários aspectos de sua fala. No plano lexical, apenas um exemplo: "combóio" em Portugal, "trem" no Brasil. No plano fonético: a pronúncia aberta da vogal anterior média como em "prémio", em contraste com a pronúncia fechada no Brasil, "prêmio". No plano gramatical: descrições diversas de uma raiz comum, como em *ficheiro*, *paragem*, *bolseiro*, que no Brasil correspondem a *fichário*, *parada* e *bolsista*; a colocação de advérbios como em "Lá não vou" (Portugal) e "Não vou lá" (Brasil). (ALKIMIN, 2006, p.34)

As variações morfológicas, por sua vez, são as mudanças que ocorrem nos morfemas, considerados como uma unidade mínima de significação da palavra. No campo dessa variação morfológica, são muito frequentes os casos de variação das formas pronominais, como as mudanças no uso dos pronomes 'tu' e 'você', bem como " a generalização do pronome relativo '*que*', perdendo-se *cujo*, *onde*. (CASTILHO, 2012, p. 202).

No âmbito da variação sintática, destacam-se estudos que investigam as mudanças linguísticas na sintaxe do português, como é o caso dos fenômenos ligados à variação na concordância verbal. A respeito desses fenômenos, Castilho (2012, p. 203) exemplifica, destacando os casos do objeto direto expresso por 'ele', 'lhe', em que há "preferência pela omissão dos pronomes nessas funções: *eu não  $\phi$  vi*, *eu não  $\phi$  conheço*."

Com relação à variação discursiva, destacam-se, os fenômenos variáveis nos âmbitos do texto e do discurso, associados a aspectos referentes à semântica e à pragmática. No que diz respeito à variação no nível discursivo, pode-se ressaltar o uso dos conectores na fala e na escrita, como os usos das variáveis 'e', 'aí', 'daí' e 'então' na função de 'coordenação em relação de continuidade e consonância"', que servem para estabelecer uma relação coesiva entre uma informação que precede e outra que segue. (COELHO et al., 2013)



As variáveis, por sua vez, estão relacionadas ao "lugar na gramática em que localizamos a variação, de forma mais abstrata." (COELHO et al, 2013, p. 26). Há dois tipos de variantes: variantes padrão e não padrão. A variante padrão é aquela em que a norma padrão é prescrita nos manuais e configura prestígio no meio social. A variante não-padrão é aquela que os falantes utilizam no dia a dia, e, por consequência, é vista de forma estigmatizada por aqueles que não a usam, ou seja, pelos falantes da variante padrão, daí surge o preconceito linguístico. Esse tipo de preconceito consiste no julgamento depreciativo de determinada forma de falar, principalmente, no que tange à variedade não padrão da língua, vinculada a língua falada.

De acordo com Faraco (2005), o processo de estigmatização de determinados grupos de falantes, em geral, é uma reação negativa ao surgimento de mudanças linguísticas e suas variações. Nesse sentido, Faraco (2005) afirma que:

é interessante notar que, com bastante frequência, a primeira reação dos falantes - em especial dos grupos socioeconômicos mais altos e que normalmente não são iniciadores de processos de mudança - às formas inovadoras é negativa. Eles tacham de "erradas", "incorretas", "impróprias", "feias". Costumam considerá-las como fenômenos de "degradação", "corrupção" da língua. Em geral, a esses julgamentos negativos escapam certos aspectos. Ou seja, a mudança é uma constante nas línguas e, principalmente, que a mudança não afeta a plenitude estrutural e o potencial semiótico das línguas. (FARACO, 2005, p. 26)

Nessa perspectiva, no processo de estudo das variações linguísticas deve-se considerar tanto aspectos internos, como o próprio sistema linguístico, quanto os aspectos externos, que servem para a caracterização dos seus falantes, no que tange, ao sexo/gênero, idade, grau de escolaridade, etc. Nesse aspecto, é função da sociolinguística identificar as variantes nas situações naturais de fala que permitirão ao pesquisador verificar as ocorrências e condicionadores linguísticos e sociais e, posteriormente, descrevê-las.



### **3 AS GRAMÁTICAS NO CONTEXTO ESCOLAR E O SISTEMA PRONOMINAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Nesta seção, apresentamos um breve percurso histórico das Gramáticas e seus tipos, bem como, especificamente, acerca de alguns conceitos e características sobre os pronomes no Português brasileiro. Discutiremos, também, de maneira breve sobre preconceito linguístico.

#### **3.1 Concepções de Gramática e Ensino de Língua Portuguesa**

O ensino de língua materna perpassa pelo entendimento das concepções de linguagem associado à compreensão das várias concepções de gramática. Segundo Martelotta (2015, p. 44, grifo do autor), "o conjunto dessas interpretações e descrições acerca do funcionamento da língua recebe o nome de *gramática*."

Travaglia (2009) trata dos três tipos de gramática: tradicional, descritiva e internalizada; e defende que para alcançar um desenvolvimento efetivo desse ensino e inserir uma dessas gramáticas, é imprescindível "ter em mente que há vários tipos de gramática e que o trabalho com cada um desses tipos pode resultar em trabalhos completamente distintos em sala aula." (TRAVAGLIA, 2009, p. 30).

Quanto aos tipos de gramática, podem ser classificadas, segundo o tipo de descrição. Nessa lógica, Travaglia (2009) explica as ideais defendidas pelos seguintes tipos: (i) Gramática tradicional, que se atem a descrever apenas a variedade culta e rotula de agramatical toda linguagem fora do padrão culto, ignorando as características da linguagem oral; (ii) Gramática descritiva, que descreve as regularidades da estrutura da língua, considera gramática tudo que atende às regras de funcionamento da língua e respeita todas as variedades linguísticas; por fim, (iii) Gramática internalizada, a linguagem: conjunto de variedades em uso na sociedade que se aplica durante a comunicação e considera gramatical tudo que é adequada à situação de interação comunicativa.



Todavia, na escola a arraigada concepção tradicional da gramática normativa, ainda fundamenta e impede que se desenvolvam conhecimentos mais aprofundados do PB, baseados nos preceitos postulados pela Linguística e os postulados por ela oferecidos. E isso promove a perda da reflexão sobre a aprendizagem da língua materna, uma vez que o ensino gramatical repleto de regras não mostra o funcionamento da língua em situações reais de uso. Essa realidade, advinda de um longo processo histórico, provocou equívocos que culminaram na desvalorização da língua, impedindo-a de ser reconhecida efetivamente como sistema vivo e heterogêneo, pelos falantes do português. Nesse sentido, Bagno explica:

o edifício da doutrina gramatical tradicional foi erguido sobre dois alicerces frouxos e cambaleantes que o linguista John Lyons (1968:9) rotulou de "a falácia clássica". São dois pressupostos falsos. Um deles diz respeito à mudança linguística: tomando consciência de que a língua falada em seu tempo era diferente da língua escrita registradas nos textos da grande literatura grega do passado, os primeiros gramáticos não só deduziram o óbvio, que a língua tinha mudado, como também lançaram um juízo de valor negativos obre essa mudanças. O segundo pressuposto errôneo, [...], é que a língua falada era caótica e desregrada. (BAGNO, 2013, p.65)

Essa visão preconceituosa sobre a língua defendida pelos primeiros gramáticos, ainda recebe credibilidade pela maior parte da sociedade brasileira, que desconhece as noções de variação e mudança linguística. O preconceito linguístico é o julgamento negativo em relação a falantes, em função da variedade linguística que utilizam. Embora, a variação linguística seja algo espontâneo dos falantes, em geral, a maioria das pessoas espera que se fale socialmente, apenas de uma forma "correta" no que pertine o uso da língua, que está consagrado pela norma culta de prestígio. Fato, esse, que configura uma das marcas negativas para o ensino de língua materna. Depreende-se daí que é importante evidenciar as variações linguísticas que ocorrem no português falado pelos brasileiros no ensino. Para tanto, para compreender melhor essas possibilidades de uso, dar-se-á enfoque ao sistema pronominal do Português Brasileiro.



### 3.2 O Sistema Pronominal do Português Brasileiro

A língua é resultante de complexos processos sociais, culturais e políticos. Segundo Bechara (2009, p. 27), "[...] o português contemporâneo, fixado no [...] séc. XVIII, chega ao século seguinte [...] sem sofrer mudanças no sistema gramatical que lhe garantam, [...] nova feição e nova fase histórica." Historicamente, a Língua Portuguesa passou por várias fases, como português arcaico (século XII ao XIV); português arcaico médio (meados do século XV a meados do século XVI); português moderno (2ª metade do século XVI até o XVII); e por fim, português contemporâneo (século XVII até atualmente). Nesse interim, conforme Castilho,

O Brasil incluiu a questão da língua oficial no artigo 13 da Constituição de 1998. Evitando cuidadosamente a expressão 'idioma nacional', que tinha aparecido nos documentos legais anteriores, diz esse artigo que 'a língua portuguesa é idioma oficial da República Federativa do Brasil'. (CASTILHO, 2012, p.97).

A Língua Portuguesa é uma língua neolatina, considerada uma das línguas maternas mais faladas no mundo. Ela é considerada patrimônio cultural das seguintes nações: Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e do Brasil. O Português Brasileiro é a variação mais utilizada com cerca de 200 milhões de falantes. As gramáticas tradicionais se atêm a uma relação de dez classes gramaticais que compõem a estrutura, isto é, a morfologia do Português Brasileiro. Elas são substantivo, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição. Contudo, segundo Bagno,

a concepção tradicional de língua, que limita esse rótulo à escrita literária consagrada, cria um nevoeiro ideológico que cega a maioria das pessoas e as impede de ver a realidade linguística do PB, que já tem a mais de um século e meio, uma gramática própria, com regras radicalmente distintas das que governam o português europeu. (BAGNO, 2013, p. 31)

Dentre essas classes, o pronome é uma classe gramatical muito usada pelos falantes no dia a dia para fazer referência desde um objeto até a localização de uma pessoa no discurso. As mudanças linguísticas nessa classe são resultantes desse processo de uso constante pelos falantes do português brasileiro. Segundo Bechara (2009, p. 162) "o pronome



é a classe de palavras categorêmaticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto". Dessa forma, o caráter categorêmico deles permite que representem uma matéria extralinguística, mas apenas um significado categorial.

No âmbito de estudo das gramáticas tradicionais, elas apresentam a seguinte classificação: pessoais, tratamento, possessivos, relativos, demonstrativos e indefinidos. No ato de comunicação, os pronomes pessoais têm por finalidade marcar as pessoas do discurso: emissor, receptor e o referente. Já os pronomes de tratamento indicam as "formas substantivadas de tratamento indireto entre as pessoas do discurso" (BECHARA, 2009, p. 165). Nos pronomes pessoais e de tratamento, foco deste trabalho, pode-se perceber que, de forma lenta e gradual, houve várias modificações e inserção de novas formas linguísticas ao longo da história.

#### 4 CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA

A metodologia aplicada nessa pesquisa circunscreve-se como um estudo exploratório, de cunho bibliográfico, segundo a classificação de Gil (2012), adotando-se a pesquisa indireta intensiva a partir de três livros selecionados para *corpus*. Eles são: *Aprender e praticar* (2011) de Mauro Ferreira; *Gramática: texto, reflexão e uso* (2016) e *Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação* (2013), ambas dos autores William Cereja e Thereza Cochar.

Todos esses livros foram aprovados pelo Ministério de Educação (MEC). São três volumes únicos de Gramáticas utilizadas nas escolas na disciplina língua portuguesa, tanto nos níveis do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio. Vale ressaltar que, nesses livros, a análise deu-se de forma comparativa, o ensino de gramática dos pronomes, sobretudo os pessoais (caso reto e oblíquo) e os pronomes de tratamento, principalmente através dos quadros de observação e de consulta. A escolha dessa classe gramatical se deve ao fato de que ao longo dos anos, nas situações de uso da língua portuguesa, muitas formas pronominais vêm sofrendo vários processos de variação linguística.



Para proceder à análise sobre o ensino dos pronomes pessoais e de tratamento nas Gramáticas selecionadas, adotou-se os seguintes categorias: (i) exemplos com base em frases específicas ou retiradas de algum texto; (ii) exercícios de fixação do conteúdo; (iii) os quadros sinópticos, que se tornam um forma de consulta e de observações para cada novo conceito e regra de uso, envolvendo os pronomes e suas classificações.

## 5 O ESTUDO DA VARIAÇÃO DOS PRONOMES PESSOAIS E DE TRATAMENTO NAS GRAMÁTICAS

Nesta seção, será tratado sobre o ensino dos pronomes pessoais e de tratamento nas Gramáticas, observando se há ou não esclarecimentos sobre o fenômeno de variação na classe referida.

### 5.1 A Variação na Concepção das Gramáticas sobre os Pronomes Pessoais

Dentre os objetivos de ensino de língua, é extremamente importante buscar formas de instigar o aluno refletir sobre o funcionamento da língua, bem como para que este perceba a existência de uma diversidade linguística. O certo é que, na sala de aula, as Gramáticas são o principal recurso didático utilizado pelo aluno para apreender os conteúdos ministrados na disciplina língua portuguesa. Em relação a essa aprendizagem de língua materna, Geraldi acrescenta que:

uma coisa é saber a língua, isto é, dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados adequados aos diversos contextos, percebendo as dificuldades entre uma forma de expressão e outra. Outra coisa é saber analisar uma língua, dominando conceitos e metalinguagens a partir dos quais se fala sobre a língua, se apresentam suas características estruturais e de uso. (GERALDI, 1997, p. 89).

Em todas as Gramáticas do *corpus*, as explicações a respeito da classe dos pronomes são sempre contextualizadas com o uso de diversos gêneros como, por exemplo, tirinhas, anúncio, poemas, cartum, trechos de artigos e textos literários etc. Essa metodologia ajuda a desfazer o equívoco em relação à aprendizagem da língua. Após cada explicação, todas as gramáticas colocam em destaque as principais conceituações,



adicionando quadros sinópticos e observações importantes, como formas de consulta. Sobre isso, Marconi e Lakatos explicam que "tabelas ou quadros: [...] é bom para auxiliar na apresentação de dados, uma vez que facilita, ao leitor, a compreensão e [...] apreender importantes detalhes e relações." (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 169)

Nesses quadros são apresentadas de forma esquematizada e ilustrativa as relações estabelecidas pelos pronomes, como classes gramaticais. É válido lembrar que a respeito da organização dos quadros, Castilho (2012, p. 477) afirma:

os pronomes pessoais são bastante suscetíveis a mudanças. Estudos recentes têm apontado para sua reorganização no PB, sobretudo em sua modalidade falada, com fortes consequências na estrutura sintática da língua. A centralidade desses pronomes no sistema das línguas explica por que a reorganização do quadro dos pronomes repercute nos demais pronomes, na morfologia verbal, na concordância verbal e na estrutura funcional da sentença. Ufa! Não é pouca coisa!!!

Todas as formas pertencentes, geralmente, aos pronomes pessoais e de tratamento estão sistematizadas em quadros de consulta e apresentam organizações distintas. No primeiro livro, *Gramática: texto, reflexão e uso* (2016) dos autores William Cereja e Thereza Cochar apresentam 5 unidades contendo 44 capítulos. São elas: (i) Língua e linguagem; (ii) Fonologia e questões notacionais; (iii) Morfologia; (iv) Sintaxe; (v) Semântica e Estilística. Semelhante ao livro *Aprender e Praticar* de Mauro Ferreira, as unidades 14 e 15 são destinadas ao conteúdo de pronomes, dividido em duas partes, respectivamente: 1ª parte, pronomes pessoais, pronomes de tratamento; 2ª parte, pronomes possessivos, pronomes demonstrativos, pronomes indefinidos, pronomes interrogativos, pronomes relativos.

No livro *Gramática: texto, reflexão e uso* (2016) de William Cereja e Thereza Cochar, os pronomes são conceituados, somente após uma seção, contendo exercícios que levarão o aluno a compreender o papel dos pronomes dentro do texto, nesse caso, no gênero textual tirinha. Inicialmente, os exercícios exigirão o reconhecimento das pessoas do discurso e quais as relações coesivas os pronomes mantêm dentro da tirinha. Nesse momento, já apresenta alguns pronomes pessoais, mas sem suas classificações.

Em seguida, Cereja e Cochar (2016) discutem as primeiras classificações apontando as definições dos pronomes pessoais e de tratamento, bem como as regras de

emprego. Cereja e Cochar (2016) definem pronomes pessoais como "aqueles que substituem substantivos e indicam as três pessoas do discurso". Essa definição precede o quadro 1, em que mostra como os "pronomes pessoais tradicionalmente são organizados em pessoas gramaticais", como demonstrado, no quadro, a seguir.

Quadro 01 - Quadro dos pronomes pessoais da "Gramática: texto, reflexão e uso"

PRONOMES PESSOAIS		
	RETOS	OBLÍQUOS
1ª pessoa do singular	eu	me, mim, comigo
2ª pessoa do singular	tu	te, ti, contigo
3ª pessoa do singular	ele(a)	o, a, lhe, se, si, consigo
1ª pessoa do plural	nós	nos, conosco
2ª pessoa do plural	vós	vos, convosco
3ª pessoa do plural	eles(as)	os, as, lhes, se, si, consigo

Fonte: CEREJA; COCHAR (2016, p. 200).

No quadro acima, os pronomes pessoais organizados nas formas do caso reto - eu, tu, ele(a), nós, vós, eles(as) - seguem a concepção defendida pela norma-culta tradicional. Essa organização muito exposta pelas gramáticas tradicionais apresenta oito formas pronominais, orientada pela função que desempenham como sujeito da oração. Em relação aos pronomes oblíquos, o quadro é constituído por vinte e dois pronomes (átonos e tônicos).

Nota-se que para o aluno, por exemplo, será problemático utilizar apenas o recurso do quadro para entender os processos de mudanças linguísticas em decorrência do uso da língua. Diante disso, comunga-se com as ideias de Alkimin (2006, p. 31) para quem "uma comunidade de fala não se caracteriza pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo[...]". A ligação entre o uso dos pronomes e suas variações é citada à parte pelos autores em quadro reservado, com observações intituladas de "Contraponto". Neste, Cereja e Cochar (2016, p. 200) ressaltam que "atualmente, alguns especialistas defendem a inclusão de **você**, **vocês** e da expressão **a gente** entre os pronomes pessoais, pelo fato de essas palavras, cada dia mais, serem utilizadas, respectivamente, em lugar de **tu**, **vós**, **nós**".

Além disso, dentre as observações feitas no "Contraponto", os autores propõem uma comparação entre o uso do pronome 'vós' e 'tu' desde o passado até os dias atuais. A respeito do pronome 'vós', Cereja e Cochar (2016, p. 200) afirmam que "está quase extinto e seu uso se restringe a situações e textos muito formais, como textos jurídicos, bíblicos e políticos".

Na fala, o uso da expressão 'a gente' como pronome pessoal dá origem a outras formas de emprego. Gradualmente, "na primeira pessoa do plural, *nós* tem sido substituído pelo sintagma nominal indefinido *a gente*, sendo interpretado pelos falantes brasileiros como sinônimo." (CASTILHO, 2012, p. 478, grifo do autor).

A respeito disso, antes apenas citado dentro do quadro "Contraponto", Cereja e Cochar (2016) retomam dentro de um exercício como complemento, que enfatiza aspectos mais detalhados, como a conceituação, de acordo com o dicionário e o ponto de vista de especialistas, como ilustrado no quadro 2.

Quadro 2 - Exercício sobre "a gente" da "Gramática: texto, reflexão e uso"

<p>4. Segundo alguns especialistas, a expressão <b>a gente</b> pode assumir a função de substantivo, quando tem o sentido de "povo"; "grupo de pessoas", e a função de pronome pessoal quando equivale a "eu" ou a "nós".</p> <p>Leia e compare estas frases:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Quando vi <b>a gente</b> dos mais distantes bairros se reunindo na praça, percebi que as coisas iam mudar naquela cidade.</li><li>• <b>A gente</b> acha melhor vocês irem em outro carro.</li><li>• Eu já estou cansado de lutar sozinho. <b>A gente</b> levanta cedo, trabalha o dia inteiro e ninguém reconhece o que eu faço.</li><li>• O português que <b>a gente</b> da roça fala é diferente do português de outras regiões do país.</li></ul> <p>a) Em quais dessas frases a expressão <b>a gente</b> tem o valor de substantivo? Na primeira e na última frase.</p> <p>b) Em quais delas a expressão tem valor de pronome? Nessas frases, a expressão equivale ao pronome <b>eu</b> ou ao pronome <b>nós</b>? Na segunda e na terceira. Na segunda frase, a expressão equivale a "nós" e na terceira, a "eu".</p>	<p><b>A GENTE NO DICIONÁRIO</b></p> <p>O <i>Dicionário Houaiss da língua portuguesa</i> apresenta duas entradas para a expressão <b>a gente</b>: "1. a pessoa que fala; eu; 2. a pessoa que fala em nome de si própria e de outro(s); nós".</p>
---	---

Fonte: CEREJA; COCHAR (2016, p. 209).

No exercício, o aluno conhecerá as funções da expressão 'a gente' e seu comportamento semântico em cada uma das frases em que há a sua ocorrência na fala. Com base nessas frases, deverá identificar em quais essa expressão terá o valor de substantivo ou pronome. O enfoque dessa atividade é o reconhecimento da existência das variedades do 'a gente' como uma forma linguística que se configura como parte de uma categoria gramatical, mediante a reflexão linguística. Sobre o 'a gente', Martelotta (2011, p. 103) afirma que:



inicialmente reflete um SN com artigo *a* e o substantivo *gente*, significado grupo de pessoas. Como em alguns contextos, o falante se inclui nesse grupo de pessoas, esse elemento perde seu valor composicional, passando a assumir o valor de pronome de primeira pessoa do plural, especialmente no Brasil.

Na concepção de Martelotta (201, p. 92), a relação entre o desenvolvimento das formas pronominais 'você' e 'a gente' serve para explicar os processos de gramaticalização, que pode ser definida, segundo ele, como "processo de mudança linguística unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais", já que são resultantes de mudança linguística.

Paralelo a essa discussão, Cereja e Cochar (2016) apontam também a possibilidade de substituição do uso dos pronomes pessoais 'vós' e 'tu' pelo 'você(s)'. Para a compreensão do aluno, há exemplificações que permitem constatar essa troca nas falas do dia a dia, a partir de frases específicas, bem como as possíveis motivações para o surgimento dessas ocorrências - nesse caso, a influência da mídia sobre os modos de falar. Na visão de Cereja e Cochar (2016, p. 200),

nas últimas três décadas, o uso do pronome tu também entrou em declínio por influência da televisão, que geralmente prefere a forma você e tu.

**Tu** sabes como sinto **tua** falta.

**Você** sabe como sinto **sua** falta.

Na sua opinião, os pronomes tu e vós desaparecer mesmo? Você também acha que a palavra você e a expressão **a gente** deveriam figurar entre os pronomes pessoais?

Sobre a citação acima, é importante frisar que, na *Gramática: texto, reflexão e uso* (2016) de Cereja e Cochar, por vezes, instigam o aluno à reflexão linguística mediante perguntas que façam este desenvolver sua própria opinião acerca dessas variações linguísticas. Dessa maneira, valorizam a participação do aluno na construção do conhecimento e oportunizam a reflexão sobre o que fora estudado, fazendo o aluno, também, a repensar nas particularidades de uso e as mudanças da língua.

O segundo livro, *Aprender e praticar* (2011) do autor Mauro Ferreira apresenta 34 unidades, divididas em 6 partes: (i) O universo da Linguagem (estudo das diferentes gramáticas, variações linguísticas, figuras de linguagem e noções semânticas); (ii) A palavra: seus sons e grafia; (iii) Morfologia (estudo das classes gramaticais); (iv) sintaxe



(estudo do período simples e composto, concordância e regência); (v) pontuação; (vi) respostas dos exercícios.

Nesse livro, as unidades 14 e 15 são referentes ao conteúdo de pronomes, divididos duas partes, respectivamente: 1ª parte, pronomes pessoais, pronomes de tratamento, pronomes possessivos; 2ª parte, pronomes demonstrativos, pronomes indefinidos, pronomes relativos, pronomes interrogativos. Ambas as partes possuem a seguinte estruturação: introdução e conceitos; classificação dos pronomes e seus casos de empregos; subdivisão dos pronomes; por fim exercícios de fixação.

Vale ressaltar que no final de cada capítulo há um quadro resumitivo do que foi estudado nas unidades. Além disso, também são dispostos em destaque vários quadros com observações importantes para os alunos, intitulados: "Para que saber?", no qual se discute a finalidade do estudo da classe; "Fique atento", em que traz conceitos importantes para compreensão da unidade e "O que dizem os linguistas", com a abordagem das concepções alcançadas pelos estudos Linguísticos.

Nessa gramática, os pronomes são abordados a partir de uma breve introdução, em que Ferreira (2011, p. 286) conceitua a classe, apresentando três finalidades, elencadas da seguinte forma: "utilizar de forma adequada certas construções exigidas pela variedade padrão da língua; compreender melhor o que lê [...]; e produzir frases bem construídas quanto à estrutura gramatical, coesão e clareza".

Em seguida, Ferreira (2011) cita todas as seis classificações dos pronomes na primeira parte (unidade 14). Na gramática *Aprender e praticar* (2011), os pronomes pessoais, são organizados em relação às pessoas do discurso, agrupando as formas singular e plural. Constatamos que as formas pronominais não foram divididas em pronomes do caso reto e oblíquos.

Na sequência, o quadro "Observações" discute algumas perspectivas de emprego desses pronomes e insere a temática da variação de seu uso, assim como na *Gramática: texto, reflexão e uso* (2016) de Cereja e Cochar, considerando as possibilidade de mudança no emprego dos pronomes 'tu' e 'você'. A respeito dessa mudança, Bagno (2013, p. 204, grifo do autor) afirma que quanto



ao 'emprego o índice pessoal **tu** está restrito a determinadas variedades regionais e/ou sociais. Em variedades urbanas de prestígio - sobretudo na região Sul -, **tu** ocorre com formas verbais correspondentes a **você**: *tu fala, tu falou, tu falava, tu falasse* etc.'

Contudo, diferente das motivações citadas por Cereja e Cochar (2016), as apontadas por Ferreira (2011) explicam que há uma influência ligada ao grau de formalidade de uso e ao regionalismo. Nesse aspecto, Ferreira (2011, p. 288) observa as seguintes perspectivas:

1. cada grupo é constituído por diferentes formas de um mesmo pronome pessoal. O emprego de uma ou de outra depende,[...], da estrutura da frase em que o pronome ocorre.  
[...]
2. Os empregos das formas **tu** e **você** são regionalizados. Em algumas regiões usa-se, por exemplo "*Tu vais*"; em outras, "*Você vai*".
3. A forma **vós**, de raríssimo uso, restringe-se, atualmente, a situações de comunicação solenes e extremamente formais, como em textos religiosos, por exemplo. Um famoso escritor brasileiro já dizia, há mais de 50 anos, que esse era um pronome do tempo dos "a-vós" (dele...).

Os pontos elencados pelo autor admitem que o aluno deve examinar que a natureza heterogênea da língua é influenciada por vários aspectos que dão origem aos tipos de variações. Sobre a heterogeneidade da língua, Bagno (2013, p. 53) ressalta: "não pense que o processo de variação e mudança já parou [...] **Enquanto uma língua for falada, ela vai sofrer variação e mudança.**"

Na sequência, Ferreira (2011) expõe um outro quadro em que já consta a subdivisão dos pronomes pessoais - retos e oblíquos. Ferreira (2011) apresenta todas as formas pronominais, organizadas em virtude das funções sintáticas que desempenham - sujeito ou complemento. Com intuito de mostrar as duas possibilidades de função, o quadro de consulta é sistematizado em três colunas que dividem os pronomes pessoais em: caso reto, que desempenham função de sujeito; caso oblíquo, desempenha a função de complemento. O caso dos pronomes oblíquos são apresentados em dois grupos: grupo 1, não precedidos de preposição; grupo 2, precedidos de preposição, como pode ser visto a seguir:

Quadro 03 - Pronomes pessoais expresso na gramática "Aprender e Prática

	Caso reto (função de sujeito)	Caso oblíquo (função de complemento)	
		Grupo 1 (não precedidos de preposição)	Grupo 2 (sempre precedidos de preposição)
<b>Singular</b>	eu	me	mim, comigo
	tu	te	ti, contigo
	você	você, se, o/a, lhe	você, si, consigo
<b>Plural</b>	ele/ela	se, o/a, lhe	si, ele/ela, consigo
	nós	nos	nós, conosco
	vós	vos	vós, convosco
	vocês	vocês, se, os/as, lhes	vocês, si, consigo
	eles/elas	se, os/as, lhes	si, eles/elas, consigo

Fonte: FERREIRA (2011, p. 289).

No quadro 03, acima, os pronomes pessoais organizados no caso reto não apresentam apenas oito formas pronominais como na *Gramática: texto, reflexão e uso* (2016) de Cereja e Cochar, uma vez que é acrescentado o pronome 'você' como pronome pessoal, totalizando dez formas. Ferreira (2016) enquadra o pronome 'você' na segunda pessoa do discurso, tanto no caso reto quanto oblíquo, embora geralmente seja classificado como pronome de tratamento em outras gramáticas tradicionais, como no caso da primeira gramática analisada.

O terceiro livro, *Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação* (2013) dos autores William Cereja e Thereza Cochar apresenta 5 unidades: (i) Linguagem como meio de ação e interação social; (ii) Fonologia; (iii) Morfologia: a palavra e seus paradigmas; (iv) Sintaxe: a palavra em ação; (v) Semântica e Estilística: estilo e sentido. Neste livro, há apenas um único capítulo (12) sobre o conteúdo dos pronomes e sua classificação.

A estruturação do livro *Gramática: texto, reflexão e uso* (2016) e *Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação* (2013) seguem a mesma divisão de tópicos para todos os capítulos, relativos aos pronomes e suas classificações, são estas: construindo o conceito; conceituando; exercícios (intercalando cada tópico explicitado); o pronome na construção do texto; semântica e discurso. Nessa gramática, há também em destaque quadros intitulados de "Contraponto", no qual os autores expõem o posicionamento de especialistas sobre a língua.

Convém destacar que apesar de os autores da *Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação* (2013) serem os mesmos da *Gramática: texto, reflexão e uso*



(2016), nota-se a presença de diferentes perspectivas de abordagem do conteúdo selecionado, de acordo com o levantamento dos dados. Do mesmo modo que a *Gramática: texto, reflexão e uso* (2016), os autores mantêm a abordagem comparativa de organização dos pronomes pessoais vista no quadro tradicional, todavia na *Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação* (2013) traz um novo quadro criado pelo linguísta Ataliba de Castilho.

No quadro tradicional dos pronomes pessoais da "Gramática: texto, semântica e interação" há quatro colunas que apresenta uma divisão semelhante às gramáticas anteriores: (i) número, singular e plural; (ii) pessoa; (iii) caso reto; (iv) caso oblíquo, subdivido em átonos e tônicos. Contudo, em relação à *Gramática: texto, reflexão e uso* (2016), mantém, respectivamente, os oito pronomes do caso reto. No entanto, em se tratando do caso oblíquo, houve o acréscimo dos pronomes 'ele(s)', 'ela(s)' e a retirada do 'ti', como forma átona, totalizando em vinte e seis formas.

Os autores da *Gramática: texto, semântica e interação* (2013) solicitam que o aluno leia e compare o quadro tradicional com o do Contraponto. Daí, as variações dos pronomes pessoais existentes no português brasileiro passam a ser esclarecidas, mostrando ao aluno que há a influência do tempo como motivador do aparecimento dessas mudanças, conforme Castilho (2010),

Cereja e Cochar (2013) ressaltam que a organização do quadro é norteado tomando como base a descrição realizada pelos linguistas, dentre eles, Castilho (2010). Portanto, o quadro segue o tipo de registro adotado no português brasileiro: formal e informal. Observemos o quadro a seguir.

## Quadro 04 - Quadro de Contraponto da "Gramática: texto, semântica e interação"

Veja o quadro apresentado pelo linguista:

	Pessoa	Português brasileiro formal		Português brasileiro informal	
		Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
Singular	1ª	eu	me, mim, comigo	eu, a gente	eu, me, mim, prep + eu, mim
	2ª	tu, você, o senhor, a senhora	te, ti, contigo, prep + o senhor, com a senhora	você/ocê/tu	você/ocê/cê, te, ti, prep + você/ocê (=docê, cocê)
	3ª	ele, ela	o/a, lhe, se, si, consigo	ele/ei, ela	ele, ela, lhe, prep + ele, ela
Plural	1ª	nós	nos, conosco	a gente	a gente, prep + a gente
	2ª	vós, os senhores, as senhoras	vos, convosco, prep + os senhores, as senhoras	vocês/ocês/cês	vocês/ocês/cês, prep + vocês/ocês
	3ª	eles, elas	os/as, lhes, se, si, consigo	eles/eis, elas	eles/eis, elas, prep + eles/eis, elas

(Ataliba T. de Castilho. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 477.)

**Observações:**

- No português brasileiro falado atualmente, as formas *você*, *a gente* e *vocês* são utilizadas também como pronomes pessoais e fazem referência, respectivamente, à 2ª pessoa do singular e à 1ª e à 2ª pessoas do plural. Formalmente, entretanto, correspondem à 3ª pessoa, tanto na conjugação verbal quanto na formação das formas oblíquas e átonas.

Fonte: CEREJA; COCHAR (2013, p. 131).

Nesse quadro, o linguista Ataliba de Castilho (2012) apresenta uma descrição linguística, considerando os fatores extralinguísticos como influenciadores das mudanças desde a variedade padrão até não-padrão. No caso do pronome 'você', por exemplo, Castilho (2012, p. 479) explica que:

as formas contraídas *cê* e *ei* não funcionam como complemento, a não ser que preposicionadas, fato já apontado por Vitral/Ramos (1999) e Reich (2004). Assim, não ocorrem *\*ele procura cê*, *\*isto é pra cê*, requerendo-se para isso a forma *ocê*: *ele precisa docê*, *ele vai cocê*, *isto é procê* (= de, com, para + ocê).

Diante do exposto anteriormente, percebe-se que Cereja e Cochar (2013) mostram uma perspectiva ampliada e atualizada do emprego desses pronomes no Português falado pelo brasileiro, deixando claro para o aluno que este deve compreender que a língua não é homogênea e uniforme, já que apresenta os movimentos das mudanças linguísticas.

Da mesma forma das gramáticas *Aprender e praticar* (2011) e *Gramática: texto, reflexão e uso* (2016), novamente cita, ainda dentro do quadro Contraponto, as possibilidades de variação no português falado do Brasil dos pronomes 'você' e 'a gente', no entanto não faz nenhuma esclarecimento sobre qual fator influenciou a origem do uso do pronome 'a gente'.



Entender, por exemplo, acerca das possibilidades de uso da entrada do fenômeno 'a gente' como sujeito, faz o aluno refletir, de modo mais amplo, sobre uma ligação entre língua e sociedade. Desse modo, o aluno entenderá também que conforme Bagno (2013, p. 60) as “noções de 'certo' e 'errado' na língua dificilmente vão ser eliminadas da vida social e cultural. Elas são usadas como instrumentos de escárnio ou de louvor, de humilhação ou valorização[...].”

Na concepção de Bagno (2013) é dever da instituição escolar não adotar esses rótulos de 'certo' e 'errado' e por conseguinte, combater quaisquer formas de preconceito, inclusive o linguístico. De certo, as três gramáticas oferecem para o aluno diversas perspectivas de categorização dos pronomes pessoais, bem como suas classificações, mas “é preciso que as professoras e os professores se apoderem de alguns conceitos básicos que vem sendo fornecidos pelas ciências da linguagem há pelo menos duzentos anos.” (BAGNO, 2013, p. 61). De acordo ainda com esse linguista “as noções de variação e mudanças linguísticas oferecem explicações racionais e satisfatórias para o que os leigos chamam de 'certo' e 'errado’”. (BAGNO, 2013, p. 61). A inserção da concepção linguística sobre as mudanças de uso das formas pronominais está presente em todas as gramáticas, em especial, na Gramática: texto, semântica e interação (2013), que insere a visão do linguista Ataliba de Castilho (2010).

### 5.1.1 Emprego dos pronomes pessoais nas Gramáticas

Nessa seção, apresentam-se as abordagens adotadas para explicar os empregos dos seguintes pronomes: 'tu', 'você', 'a gente', 'ele(s)'/ 'ela(s)' e o(s)/ a(s), nas gramáticas *Aprender e praticar* (2011), *Gramática: texto, reflexão e uso* (2016) e *Gramática: texto, semântica e interação* (2013).

#### 5.1.1.2 Emprego dos pronomes pessoais 'ele(s)'/ 'ela(s)' e o(s)/ a(s)

O estudo do emprego dos pronomes compõe um aspecto importante para o entendimento do funcionamento da língua. Na norma culta, o emprego dos pronomes



peçoais são prescritos, conforme a regra: (i) os pronomes do caso reto devem funcionar como sujeito ou predicativo; já os pronomes oblíquos funcionam como complemento ou adjunto. Porém, Bagno (2012, p. 281) esclarece que:

se existe uma coisa que é possível afirmar sobre o português brasileiro sem medo de cometer engano é que, nessa língua, os pronomes oblíquos **o/a/os/as** não fazem parte da gramática intuitiva dos falantes. O emprego desses pronomes, muito raro, é fruto exclusivo da escolarização. Assim, os gêneros escritos mais monitorados (e os gêneros falados que se inspiram neles) são o último reduto de emprego dos oblíquos **o/a/os/as**.

Bagno (2012) ressalta que o emprego dos pronomes oblíquos advêm das regras prescritivas da gramática normativa. Por isso, para Possenti (2013), a adoção dessas gramáticas pelas escolas é um sintoma de que não há uma preocupação em analisar uma língua, apenas de transmitir uma ideologia linguística a partir de uma definição de língua limitada. Nesse caso, ao expor a regra prescritiva sobre o emprego dos pronomes oblíquos, seguindo um modelo de ensino distante da realidade de fala dos estudantes, pode resultar no aumento do silêncio, já que não se consegue relacionar a aprendizagem da variedade padrão, valorizada socialmente à variedade não-padrão.

Na gramática Aprender e Praticar (2011), o autor preocupa-se em mostrar através de exemplos como se dá o emprego dos pronomes 'ele(s)'/ 'ela(s)' e o(s)/ a(s) em relação à norma padrão e na língua coloquial. Considerando as variações, Ferreira (2011) diferencia os modos de empregos, uma vez que a substituição do pronome do caso oblíquo o(s)/ a(s) pelos do caso reto 'ele(s)'/ 'ela(s)', na variedade popular é uma ocorrência corriqueira, como observada a seguir.

Quadro 05 - Emprego dos pronomes 'ele(s)'/ela(s)' e o(s)/ a(s) na gramática "Aprender e Praticar"

Observe, nos exemplos a seguir, as semelhanças e diferenças no emprego dessas formas na língua padrão e na língua coloquial:

- Amanhã entregarei *para eles* os documentos.  
↑  
preposição  
Esse emprego é igual na variedade padrão e na variedade popular.
- Peguei as cartas e guardei-*as* na gaveta.  
↑  
Esse emprego é típico da variedade padrão.
- Peguei as cartas e guardei *elas* na gaveta.  
↑  
Esse emprego ocorre na variedade popular e também na variedade culta menos formal (principalmente na língua falada).

### O que dizem os linguistas

[...] os pronomes *o/a*, de construções como “eu *o* vi” e “eu *a* conheço”, estão praticamente extintos no português falado no Brasil [...]. Esses pronomes *nunca* aparecem na fala das crianças brasileiras nem na dos brasileiros não alfabetizados e têm baixa ocorrência na fala dos indivíduos cultos, o que demonstra que são exclusivos da língua ensinada na escola, sobretudo da língua escrita; não fazendo parte, então, do repertório da *língua materna* dos brasileiros. Nossas crianças usam sem problema *me* e *te* – “Ela *me* bateu”, “Eu vou *te* pegar” –, mas *o/a* jamais, que são substituídos por *ele/ela*: “Eu vou pegar *ele*”, “Eu vi *ela*”. As formas *lo* e *la* – pegá-*lo*, vê-*la* –, então, nem pensar. [...]

Marcos Bagno. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999, p. 24-5.

Fonte: FERREIRA (2011, p. 291).

Como verificado dentro do quadro, na seção "o que dizem os linguistas", Ferreira (2011) acrescenta a concepção do sociolinguista Bagno (1999) para abordar as novas formas de emprego dos pronomes oblíquos 'o(s)/ a(s)' decorrente das variações no português brasileiro falado. Conforme leitura e discussão das ideias de Bagno (1999), os alunos poderão realizar uma reflexão linguística sobre o uso que fazem desses pronomes oblíquos, e que contam com tão poucas ocorrências de construções no contexto de fala.

No livro Gramática: texto, reflexão e uso (2016), os autores propõem uma seção destinada a explicar sobre o emprego dos pronomes oblíquos 'o(s)' e 'a(s)'. Em princípio, o aluno é direcionado a ler uma tira e responder questões referentes aos pronomes mencionados.

Figura 06 - Emprego dos pronomes oblíquos 'o' e 'a' da "Gramática: texto, reflexão e uso"

**Emprego dos pronomes oblíquos o e a**

Leia esta tira, de Fernando Gonsales:




(Niquel Nálusea — A perereca da vizinha. São Paulo: Devir, 2005. p. 21.)

- Observe o 1º quadrinho da tira.
  - Onde aparentemente as personagens estão? Elas parecem estar numa floresta.
  - No enunciado "Preciso capturá-lo!", do 2º balão, a quem se refere o pronome oblíquo átono *lo*?  
Ao duende.
- Nas tiras, é comum o último quadrinho reservar uma surpresa ao leitor. Qual é a surpresa revelada no último quadrinho da tira? Existe a crença de que os duendes vivem nas florestas. O 1º quadrinho sugere uma comprovação da crença; no entanto, o 2º quadrinho mostra que a situação ocorre num parque temático.

Pelo fato de retomarem termos expressos anteriormente e, assim, ajudarem a evitar repetições, os pronomes oblíquos cumprem um papel fundamental para a construção da **coesão textual**. No caso da tira, o pronome *lo*, em "Preciso capturá-lo!", retoma a expressão "um duende!", mencionada no balão anterior e, desse modo, evita a repetição da expressão.

Os pronomes oblíquos *o*, *a*, *os* e *as* sofrem modificações no som e na escrita quando vêm após alguns verbos. Observe e compare as seguintes construções:

Vou capturar **ele**.  
 Vou capturá-**(l)o**.  
 Vou capturá-**lo**.

Fonte: CEREJA; COCHAR (2016, p. 201).

As questões apresentam um caráter interpretativo do texto e de identificação dos termos aos quais os pronomes oblíquos se referem. Em seguida, Cereja e Cochar (2016) destacam o papel desses pronomes para a coesão textual. Tendo em vista isso, Bagno (2012, p. 281) discute que:

não resta dúvida de que cabe, sim, à escola continuar ensinando esse emprego, uma vez que esses pronomes contribuem para a manutenção da coesão textual e dão ritmo mais fluente ao texto. É preciso ter cuidado, porém, com esses pronomes: justamente por não pertencerem à nossa intuição linguística, é comum ocorrerem análises sintáticas equivocadas.

Ao contrário da gramática *Aprender e praticar* (2011), o livro *Gramática: texto, reflexão e uso* (2016) não mostra um paralelo entre as variedades de uso dos pronomes na variedade padrão e não-padrão, o que não permite o aluno refletir acerca da heterogeneidade da língua e "ter a consciência, portanto, da dificuldade que as pessoas, em geral, apresentam no momento de usar os pronomes oblíquos **o/a/os/as**." (BAGNO, 2012, p. 283).



### 5.2 A Variação dos Pronomes de tratamento nas Gramáticas

Nesta seção, apresentar-se-á uma discussão sobre as variações dos pronomes de tratamento e as perspectivas adotadas a respeito do emprego desses pronomes nas Gramáticas selecionadas, como *corpus* dessa pesquisa.

#### 5.2.1 A Variação dos Pronomes de Tratamento nas Gramáticas analisadas: um paralelo

Na língua Portuguesa, o surgimento das variações pronominais, ao longo do tempo, modificou muitas as formas de tratamento utilizadas na interação entre as pessoa em diversos contextos. Em relação aos pronomes de tratamento, as três gramáticas trazem definições e organização de quadros de consulta, de maneiras diferentes.

Na gramática *Aprender e praticar* (2011), os pronomes de tratamento são vistos como parte integrante dos pronomes pessoais. Primeiramente, o aluno faz uma breve leitura de uma tira, na qual deverá perceber as formas de tratamento, já destacadas em negrito, usadas para demonstrar respeito entre os personagens durante uma situação formal de comunicação. Conforme Ferreira (2011, p. 290), os pronomes de tratamentos são formas pronominais equivalentes a pronomes pessoais empregados quando nos dirigimos a alguém de maneira respeitosa e formal, ou quando, também formalmente, fazemos referência a essa pessoa.

Na subdivisão das classificações dos pronomes, Ferreira (2011) divide apenas seis grupos, uma vez que considera os pronomes de tratamento como equivalente aos pronomes pessoais. No quadro de organização desses pronomes, é relevante destacar que totalizam sete formas, excluindo o pronome de tratamento 'você', que como discutido, o autor enquadra como pertencente à segunda pessoa do discurso, como verificado, a seguir.

Quadro 07 - Os pronomes de tratamento na gramática "Aprender e Praticar"

Pronome	Abreviatura	Usado em relação a
Vossa Alteza	V. A.	duques, príncipes
Vossa Majestade	V. M.	reis, imperadores
Vossa Santidade	V. S.	papas
Vossa Eminência	V. Em <sup>a</sup>	cardeais
Vossa Excelência	V. Ex <sup>a</sup>	altas autoridades
Vossa Senhoria	V. S <sup>a</sup>	peçoas graduadas em geral
Senhor(a)	Sr./Sr <sup>a</sup>	peçoas adultas mais velhas

Fonte: Ferreira (2011, p. 293)

No livro Gramática: texto, reflexão e uso (2016), os autores consideram os pronomes de tratamentos de forma similar à gramática *Aprender e praticar* (2011). No livro, não há uma conceituação específica para os pronomes como classe gramatical. Todavia Cereja e Cochar (2016) preocupam-se em discutir suas funções no processo comunicativo, esclarecendo características e formas de emprego. Cereja e Cochar (2016, p. 203) explicam que:

conforme as características o nosso interlocutor - idade, situação social, nível cultural, posição hierárquica (no trabalho, por exemplo) - e o grau de amizade ou de intimidade que temos com ele, podemos tratá-lo de uma maneira menos ou mais cerimoniosa.

Além disso, Cereja e Cochar (2016) organizam um quadro que mostra a relação entre o pronome de tratamento e reitera a necessidade de adequação a cada tipo de interlocutor. É válido frisar que os autores incluem o pronome 'você', como um pronome de tratamento, já que "apesar de ser empregado para designar o nosso interlocutor (a 2ª pessoa da situação de comunicação), os pronomes de tratamento são, gramaticalmente, pronomes de 3ª pessoa, e não de 2ª pessoa." (CEREJA; COCHAR, 2016, p. 204).

Quadro 08 - Pronomes de tratamento da "Gramática: texto, reflexão e uso"

Consulte-o quando necessário.

PRONOMES DE TRATAMENTO		
PRONOME	ABREVIATURA	INTERLOCUTORES
você	v.	peessoas com quem temos intimidade
Vossa Alteza	V. A.	príncipes, duques
Vossa Excelência	V. Ex <sup>ª</sup>	altas autoridades do governo e das forças armadas
Vossa Majestade	V. M.	reis, imperadores
Vossa Santidade	V. S.	papas
Vossa Senhoria	V. S <sup>ª</sup>	autoridades em geral: diretores e pessoas a quem se quer tratar com distanciamento e respeito
Senhor, senhora	sr., sra.	geralmente pessoas mais velhas que nós, ou a quem queremos tratar com distanciamento e respeito; a forma <b>senhorita</b> , já caindo em desuso, é empregada para moças solteiras

Fonte: CEREJA; COCHAR (2016, p. 204).

A Gramática: texto, reflexão e uso (2016) oportuniza aos alunos que entendam aspectos históricos a respeito do pronome 'você' e suas variações, o que corrobora, de certa forma, o aspecto heterogêneo da língua, validando, assim, a ideia de que ela está sujeita a mudanças. A respeito desse pronome de tratamento, Castilho (2012, p. 479) ressalta que na “segunda pessoa do singular, *tu* tem sido substituído por *você*, forma que surgiu por alterações fonológicas da expressão de tratamento *Vossa Mercê*, um sintagma nominal que deu origem a *você*, seguindo então para *ocê>ce*”.

No quadro de observações nomeado "Vossa mercê > Vosmecê > Vancê", além de evidenciar as variações, Cereja e Cochar (2016) propõem que o aluno leia os versos da canção "Estrada do sertão", de João Pernambuco e Hermínio de Carvalho, na qual aparece as quatro formas de variação do pronome de tratamento 'você', dentre outras. Cereja e Cochar (2016, p. 206) explicam que “o pronome **você** se originou de **Vossa Mercê**, hoje em desuso. Porém, antes de chegar a essa forma simplificada, passou por **vosmecê**, forma que ainda pode ser encontrada em algumas regiões do país. [...]”

A Gramática: texto, semântica e interação (2013) apresenta os pronomes de tratamentos como uma organização que rompe com a das gramáticas já citadas, tendo em vista que eles são explicados partindo de uma seção direcionada, como uma classificação à parte dos pronomes de tratamento.

Semelhante à gramática *Aprender e praticar* (2011) de Ferreira, Cereja e Cochar (2013) também direciona o aluno para a leitura do gênero tirinha com objetivo de

desenvolver a percepção em relação às palavras e expressões as quais os personagens usam para dirigir-se uns aos outros. Porém, a Gramática: texto, semântica e interação (2013) é a única a apresentar uma definição específica. Cereja e Cochar (2013, p. 133) explicitam que "os pronomes de tratamento são palavras e expressões empregadas para tratar de modo familiar ou cerimonioso o interlocutor." Esta definição dada pelos autores é consoante a concepção de Bechara (2009, p. 165), segundo a qual há tipos de formas de tratamento, conforme transcrito textualmente:

as substantivas de tratamento indireto de 2ª pessoa que levam o verbo para a 3ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento* ou *formas pronominais de tratamento*:  
 você, vocês (tratamento familiar)  
 o Senhor, a Senhora (tratamento cerimonioso)  
 A estes pronomes de tratamento pertencem as formas de reverências que consistem em nos dirigirmos às pessoas pelos seus atributos ou qualidades que ocupam:  
*Vossa Alteza* (V. A., para príncipes, duques)

No quadro 08, observa-se que o pronome 'você' se mantém como forma de tratamento. Comparando ao quadro da Gramática: texto, reflexão e uso (2016), o que difere entre o da Gramática: texto, semântica e interação (2013) é o acréscimo de uma forma de tratamento, *Vossa Magnificência* (referente a reitores de universidade); totalizando, nove formas pronominais, conforme demonstrado no quadro 09, a seguir.

Quadro 09 - Quadro de Contraponto da "Gramática: texto, semântica e interação"

FORMAS DE TRATAMENTO		
Tratamento	Abreviatura	Usado para
você	v.	peças com quem temos intimidade
Vossa Alteza	V. A.	príncipes, duques
Vossa Eminência	V. Em <sup>o</sup>	cardeais
Vossa Excelência	V. Ex <sup>o</sup>	altas autoridades do governo e das forças armadas
Vossa Magnificência	V. Mag <sup>o</sup>	reitores de universidades
Vossa Majestade	V. M.	reis, imperadores
Vossa Santidade	V. S.	papa
Vossa Senhoria	V. S <sup>o</sup>	funcionários públicos graduados, oficiais (até coronel) e pessoas de cerimônia
senhor, senhora	sr., sra.	geralmente pessoas mais velhas que nós ou a quem queremos tratar com distanciamento e respeito; a forma <i>senhorita</i> , já caindo em desuso, é empregada para moças solteiras

Fonte: CEREJA; COCHAR (2013, p. 134).



Segundo Castilho (2012, p. 476), a complexidade da classe dos pronomes deve-se ao fato de que "aparentemente, as línguas naturais organizam seu quadro pronominal privilegiando a codificação (i) das pessoas do discurso; (ii) dos lugares ocupados por elas no espaço físico; e (iii) de seu tempo." Essa complexidade gera diferentes organizações dos quadros que mostram as mudanças no comportamento linguístico dos pronomes de tratamento, evidenciando, assim, discussões sobre variação e mudanças, que rompem com tradição gramatical, que prioriza apenas caráter classificatório.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto neste trabalho, percebe-se que há significativas contribuições do estudo das variações linguísticas para o ensino de língua materna, dentro das gramáticas analisadas. Nota-se, ainda, que todas as gramáticas complementam o estudo inserindo quadros de consulta e de informações relevantes sobre as pesquisas na área da sociolinguística, especialmente no que diz respeito às mudanças linguísticas que ocorreram na classe dos pronomes pessoais e de tratamento, no decorrer do tempo. Por esse motivo, esses quadros acabam contribuindo para que o aluno tenha uma visão mais ampla do tema, já que evidenciam de forma mais efetiva as reorganizações do sistema pronominal.

Além disso, as gramáticas também incluem a fala e seus usos linguísticos dentro de exercícios, de modo a articular uma reflexão por parte do aluno sobre os usos reais de língua, dando a entender que a variação sofrida pelos pronomes pessoais e de tratamento podem ser identificadas em situações reais de interação. Dessa forma, os autores chamam atenção dos alunos no sentido de mostra-los que há uma influência da fala nos domínios da língua, advinda de aspectos como: os papéis sociais dos falantes, o assunto que se fala, de onde e com quem se fala.

Por fim, o ensino brasileiro precisa repensar sobre as particularidades da variação linguística do português brasileiro, tornando possível compreendê-las, efetivamente, nas aulas de língua materna, instigando, sobretudo, o interesse de alunos e professores. Afinal, aprender e ensinar a sua própria língua materna, não pode se restringir à



nomenclatura, à norma padrão, visto que língua é bem mais que isso. A aplicação dessa perspectiva de ensino resultaria em mudanças benéficas para os utentes da língua materna, contribuindo, também, de certo modo, para desfazer as ideias de “certo” e “errado”, entre a gramática normativa, trazendo, assim, um ensino reflexivo de variação.

## REFERÊNCIAS

ALKIMIN, Tânia Maria. Sociolinguística (parte I). In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina Bentes (org.). **Introdução à linguística: domínio e fronteiras**. v. 1. São Paulo: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

BAGNO, Marcos. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto. 1 ed. 2012.

CEREJA, William; COCHAR, Thereza. **Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação**. 4 ed. São Paulo: Atual, 2013.

CEREJA, William; COCHAR, Thereza. **Gramática: texto, reflexão e uso**. 5 ed. São Paulo: Atual, 2016.

CEZARIO, Maria Maura; VOLTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 141-153

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. **Sociolinguística**. Teresina: FUESPI. 2013.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Editorial, 2005.

FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática: volume único**. São Paulo: FTD. 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MARCONI, Mário de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. Ed. Atlas. São Paulo, 2003.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Conceitos de gramática**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 141-153

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14 ed. Ed. Cortez. São Paulo, 2009.

VIOTTI, Evani. **Introdução aos estudos linguísticos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

---

Recebido em: 19/05/2021 | Aprovado em: 01/07/2021.

---